

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
INTRODUÇÃO AO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

PLANO DE TRABALHO:

**COMPLEXO CULTURAL EM PLANALTINA, DF**

ALUNA: FABRÍCIA DE SOUZA FIGUEIREDO

ORIENTADOR: CLÁUDIO JOSÉ PINHEIRO VILLAR DE QUEIROZ

BRASÍLIA, JUNHO DE 2014.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO  
INTRODUÇÃO AO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

**COMPLEXO CULTURAL EM PLANALTINA, DF**

PLANO DE TRABALHO DE INTRODUÇÃO  
AO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO  
DA GRADUANDA FABRÍCIA DE SOUZA  
FIGUEIREDO APRESENTADO À BANCA  
EXAMINADORA DE GRADUAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA SOB  
ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CLÁUDIO  
JOSÉ PINHEIRO VILLAR DE QUEIROZ.

ALUNA: FABRÍCIA DE SOUZA FIGUEIREDO  
ORIENTADOR: CLÁUDIO JOSÉ PINHEIRO VILLAR DE QUEIROZ

BRASÍLIA, JUNHO DE 2014.

## Sumário

Tema .....	4
Objetivo .....	4
Justificativa.....	6
Referencial teórico.....	8
Praça .....	8
Museu .....	9
Bibliotecas .....	10
Teatros .....	11
Complexo Cultural .....	12
Referencial de projeto.....	13
Centro Cultural Georges Pompidou .....	14
SESC Pompeia em São Paulo.....	17
Centro Cultural Jean Marie Tjibaou .....	22
Localização .....	29
Breve História de Planaltina .....	30
Terreno.....	34
Condicionantes Bioclimáticas .....	34
Condicionantes Urbanísticas .....	34
Normas construtivas .....	36
Programa de necessidades .....	37
Diretrizes .....	42
Partido adotado .....	44
Cronograma .....	45
Bibliografia.....	47

## Tema

O tema desse trabalho é o Centro Cultural em Planaltina-DF

## Objetivo

No momento presente, as práticas culturais devem ser consideradas como características fundamentais da vida cotidiana. Elas abrem novos caminhos de interesses intelectuais e, deste modo, contribuem de forma essencial, para o auto desenvolvimento de cada indivíduo.

Existem algumas vertentes sobre o objetivo de um centro Cultural. Neste trabalho vamos analisar duas. A que entende Centro Cultural como um trabalho cultural e outra que é um espaço de lazer.

*“ Para Texeira Coelho (1986) e Milanesi (1997), os centros culturais devem realizar ações que integrem três campos comum do trabalho cultural: criação, circulação e preservação.”<sup>1</sup>*

No campo da criação deve-se estimular a produção de bens culturais. Promovendo oficinas cursos, laboratórios e investindo na formação artística e na educação estética. Depois de produzido este deve se tornar público, através de uma política de eventos que possibilite a participação da sociedade. Criando com a circulação novas demandas culturais. E por último, o campo da preservação é o que garante a manutenção da memória cultural da coletividade. De acordo com Milanesi (1997), esta é uma condição básica do trabalho cultural.

Milanesi, não queria que um espaço cultural se transformasse em um centro de lazer e por isso o autor indica a necessidade de se atuar na formação do público para recepção de bens culturais através de oficinas e debates de linguagens artísticas. Por outro lado, temos uma visão da Lina Bo Bardi, quando se refere ao espaço que o SESC irá fornecer a comunidade:

*“Começa então uma guerra surda sobre o programa a ser implantado. Ao invés de um centro cultural e desportivo, começamos a utilizar o*

---

<sup>1</sup>Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LucieneBorgesRamos.pdf>. Acessado em 2 de Abril de 2014.

*nome ‘centro de lazer’. O Cultural, dizia Lina, ‘pesa muito e pode levar as pessoas a pensar que devem fazer cultura por decreto. E isso, de cara, pode causar uma inibição ou embotamento traumático’. Dizia que a palavra cultura devia ser posta em quarentena, descansar um pouco, para recuperar seu sentido original e profundo.*

...

*Então, simplesmente lazer. O novo centro deveria fomentar a convivência entre as pessoas, como fórmula infalível de produção cultural (sem a necessidade do termo do uso).” 2*

Tendo como base essa duas vertentes e a realidade de Planaltina. Um complexo Cultural nessa região tem como intenção primordial a criação, valorização, divulgação e conservação da cultura da comunidade.

A valorização da cultura, aqui se refere, principalmente ao bem patrimonial que Planaltina possui muitas vezes esquecidos ou subjugado pelos próprios moradores. Como já citado, um dos motivos é não atuação na formação do público para recepção de bens culturais através de oficinas e debates em um espaço apropriado.

Ao mesmo tempo que criará o espaço de lazer onde as diversidades se encontram dando vivacidade não só ao Centro de Planaltina, mas a Planaltina como um todo. Sendo um ponto de disseminação da Cultura tanto erudita quanto popular. Instituinto melhorias nas condições de acesso à informação cultural.

Um centro cultural, por tanto, é a:

*“ materialização de um cuidadoso esforço para encontrar, em confronto com diversos ritmos (espaço, tempo, cultura e clima), o justo equilíbrio entre artefato e natureza, tradição e tecnologia, memória e modernidade.” 3*

---

2 Cidadela da liberdade: Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia/ Organização de André Vainer e Marcelo Ferraz. – São Paulo: Edições Sesc SP, 2013. Pag.: 122

3 Ana Rosa de Oliveira é doutora em Arquitetura pela Universidade de Valladolid, Espanha, e professora e pesquisadora do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/431>. Acessado em 10 mar. 2014.

## Justificativa

No Plano Diretor<sup>4</sup> de 1966, não constava a área para o centro cultural. Em 1986, a administração de Planaltina solicita o desmembramento<sup>5</sup> do Setor administrativo, através do processo nº 002.310/86, na área existia a sede da Administração Regional e a urbanização feita no Setor, que criou uma praça que tinha seu uso consolidado. O setor, portanto, foi desmembrado e os lotes criados passaram a se chamar lote 1 e lote 2, destinados a Administração Regional e ao Centro Cultural, respectivamente. Na época, já havia a necessidade de criação de áreas para o “lazer”.

Existe ainda hoje uma expectativa na cidade por um Centro Cultural. É um sonho antigo dos moradores, estudantes, artistas de rua, cantores, artesãos, atores, líderes comunitários, ativistas culturais e autoridades da cidade.

É importante ressaltar que Planaltina tem por ela mesma uma propensão histórica no DF. Por sua condição particular e por outras possibilidades específicas de múltiplas manifestações existentes.

Planaltina já teve uma casa de Cultura que funcionava precariamente. O espaço ficava atrás da Feira das verduras, e foi cedido a associação dos feirantes a algumas décadas (data). Deixando os artistas locais sem um espaço apropriado.

Em 09 de Novembro de 2012 a Câmara Legislativa do DF realizou uma audiência pública em Planaltina com todos os interessados na construção de um centro Cultural. Foi informado nessa reunião que o projeto já estava pronto, já tinham os recursos destinados a obra. Faltando apenas o processo licitatório.<sup>6</sup>

A audiência foi apenas uma questão de formalidade, pois o projeto estava pronto. Será o mesmo projeto implantado no Taguaparque. Com algumas modificações que não foram ditas. O projeto do Taguaparque é composto por hall de exposições, auditório, salas de aulas e a mostras culturais. Há ainda um teatro de arena (o primeiro da cidade) com capacidade para 500 pessoas. Olhando de fora o local mais parece um galpão. Não que um galpão não seja uma solução boa, mas a disposição dos ambientes não tem poética

---

<sup>4</sup> Elaborado durante a administração do arquiteto Professor Paulo Magalhães ICA-FAU- UnB.

<sup>5</sup> Anexo 3

<sup>6</sup> Disponível em: <http://admplanalinadf.blogspot.com.br/2012/11/complexo-cultural-de-planaltina-foi.html?sprf=bl>. Acessado em 30 de março de 2014.

não condiz com um espaço cultural. E a sua implantação é questionável, pois fica solto em um parque.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://divirta-se.correioweb.com.br/materiais.htm?materia=9545&secao=Programese&data=20100126>. Acessado em: 30 de março de 2014.

## Referencial teórico

O referencial teórico “ diz respeito aos conhecimentos sobre o tema escolhido, desde sua origem primaz, a mais remota, até o prospectivo *estado da arte*”.<sup>8</sup>

A quantidade de edifícios destinados a atender às preocupações de ordem social e cultural da sociedade contemporânea, começaram a aumentar a partir da segunda metade do século XVIII e, principalmente, durante o século XIX, com o decorrer das primeiras etapas da Revolução Industrial na Europa. As bibliotecas, os museus, os teatros, as salas de concertos, os auditórios e os cinemas, entre outros começaram a adquirir um novo significado no plano do lazer e da Cultura.

### Praça

O espaço não edificado e precursor das manifestações culturais são as praças. As praças eram caracterizadas como um lugar que permitia a concentração de pessoas, nos quais ocorriam grandes e importantes atividades urbanas, permitindo as pessoas se comunicarem, fazendo comércio de mercadorias, trocando informações e ideias. Com isso, pode-se dizer que as praças eram e em alguns lugares ainda são espaços onde se refletiam, através das atividades ali realizadas, a vida social, política, comercial e ideológica de um povo, expondo e desenvolvendo a cultura de uma cidade.

As *ágoras* gregas, são um exemplo de praça, que davam suporte à estrutura moral e política das cidades, refletindo a concepção de democracia dos gregos, algumas vezes serviam de palco para as manifestações das ideias dos cidadãos. Já na Roma, os *fóruns* eram inspirados nas *ágoras*, entretanto, não abrigava atividade religiosa. Quando nos referimos à Baixa Idade Média, a praça acaba se tornando o “coração” da cidade, cercadas por casas e ruas de comércio.

Fazendo uma rápida análise das cidades brasileiras, pode-se dizer que, no Brasil, as praças foram antecedidas em suas funções de aglomeração e convivência pelos antigos largos, ou ainda pelos adros das primeiras igrejas. Como temos na área histórica de Planaltina ao redor da antiga igreja de São Sebastião.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> CLÁUDIO JOSÉ PINHEIRO VILLAR DE QUEIROZ

<sup>9</sup> MARX, M. Cidade Brasileira. São Paulo: Melhoramento, 1980.



## Museu

Tendo em vista espaços edificados, iremos abordar o desenvolvimento de outros espaços de transmissão cultural, tais como os museus, as bibliotecas e os teatros. O desenvolvimento desses espaços acelerou-se após o industrialismo, permitido o surgimento dos chamados *centros culturais*, locais onde haveria a concentração de diversas opções para a produção, exposição e difusão cultural.

O termo " museu" origina-se da palavra grega *moseion*, *que* significava o templo das musas. O *Museu de Alexandria* pode ser considerado o mais antigo local deste gênero, surgiu devido a inspiração na política helenizante de Alexandre, o Grande ( 356-323 a.C ). Tinham características de biblioteca e centro de estudos avançados, especialmente sobre a *cultura helenística*.<sup>10</sup>

De acordo com a GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL (1998)<sup>11</sup>, os museu aberto ao público só foram surgir no final do século XVIII. Considera-se o *Musée du Louvre* como o primeiro museu nacional europeu aberto ao público em 1793. Em seguida, foram surgindo vários tipos de museus e, a partir de 1945, os espaços tanto nos museus tradicionais, quanto nos espaços modernos. Ganham maior dinamismo, estabelecendo assim um contato direto com a criação contemporânea em todas as suas manifestações. A partir disso, ocorreu um aumento de museus e galerias de arte. Todos os centros urbanos de alguma importância passaram a querer ter o seu museu, nas capitais e metrópoles contemporâneas.

Assim como em Planaltina por um longo período, os museus foram instalados em antigas construções. Sendo adaptadas para o novo uso. E as primeiras construções destinadas aos museus eram inspiradas em estilos históricos na busca de conferir dignidade e nobreza ao edifício. A partir da segunda metade do século XX, houve uma grande renovação no movimento da arquitetura de museus, quando se criaram inovações em todas as suas partes, aparecendo novos princípios, principalmente nos Estados Unidos. Hoje em dia, a ideia de monumento foi substituída pelo conceito como " o lugar perfeito para mostrar, desfrutar e estudar os objetos expostos".

---

<sup>10</sup> GRAEFF, E. A. Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Edifício. São Paulo: Projeto Editores Associados Ltda., 1986. p.:

<sup>11</sup> NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicação Ltda., 1988.

## Bibliotecas

Quanto às bibliotecas, se lembrarmos dos templos egípcios, cerca de 3000 a.C., já abrigavam uma grande quantidade de papiros científicos e teológicos. Entretanto, os historiadores acreditam que a biblioteca mais antiga é a de Alexandria, criada no século III a. C., que possuía cerca de 700 000 volumes de papiros.

O sentido de Biblioteca que conhecemos hoje, foi criado pela civilização greco-romana, ou seja, da própria etimologia, resultante da junção de biblos (livros) e theke(depósito). Os templos gregos possuíam Bibliotecas e arquivos, sendo que no século V a.C., grandes escolas de filosofia começaram a formar coleções para uso dos alunos, surgindo desta forma as bibliotecas institucionais, além das particulares já existentes. E foram os romanos que difundiram e popularizaram o uso da biblioteca.

Roma antiga chegou a ter mais de 20 bibliotecas públicas no século IV d.C., sendo as mais importantes a Ulpiana, localizada no fórum romano e erguida por Marcus Ulpianus Traianus (53 e 117 d.C.); e a Palatina, fundada pelo imperador Caius Julius Caesar Augustus (63 a.C.-14 d.C.). Até este momento as bibliotecas eram apenas depósitos de rolos escritos que faziam parte de templos ou palácios. Contudo, as bibliotecas sob influência da cultura helenística passaram a conservar também textos profanos, funcionando assim como órgãos de difusão do pensamento, sendo abertas aos eruditos, mesmo não pertencentes a classes sacerdotais ou nobres.

De acordo PEVSNER (1989), as bibliotecas desaparecem nos séculos III e IV d.C., principalmente devido aos problemas sofridos com a ascensão dos reinos bárbaros na Europa.

Só na idade média que voltam a ressurgir, sendo instaladas em mosteiros, conventos e igrejas. E apenas os sacerdotes ou aos que faziam parte de uma ordem ou algum corpo igualmente religioso tinham acessibilidade a esse espaço. Existiam também bibliotecas particulares, montadas por grandes senhores, mas sempre ligadas ao clero, além das bibliotecas de universidades, uma vez que as primeiras, surgiram como um prolongamento das ordens eclesiásticas.

É durante o renascimento que as bibliotecas passam a adquirir características modernas.

“Foi a partir do século XV, que elas passaram por uma lenta transformação, marcada por quatro fatores de mudanças fundamentais:

a laicização, na qual deixava de ter caráter religioso, não pelo conteúdo dos livros, mas pela natureza de sua administração, e adquirindo um caráter leigo e civil; a democratização, quando a biblioteca passou a ser realmente pública, aberta a todos, mudando seu sentido de conservação para o de difusão; a especialização, devido à difusão que implicava em atender aos mais variados gostos e necessidades; e a socialização, passando a biblioteca a ser um órgão dinâmico, possuindo uma função importante junto aos cidadãos.” <sup>12</sup>

A partir desse momento os números de bibliotecas aumentaram e somente na era contemporânea que surgiu uma metodologia de projeto específico para sua concepção e, no século XX, ocorreu a formação de grandes e importantes instituições. Dentre as mais importantes, destaca-se a Biblioteca do Congresso, em Washington D.C. Neste mesmo período, difundiram-se as bibliotecas especializadas e nos EUA, surgiram as primeiras escolas de biblioteconomia. Entre as maiores instituições da atualidade, pode ser citada a Bibliothèque Nationale de France, localizada em Paris.

Atualmente, devido ao processo de modernização dos meios de comunicação, existem também as bibliotecas virtuais, as quais podem ser consultadas em qualquer parte do mundo através de qualquer dispositivo que tenha internet.

## Teatros

Em fim os teatros, estes possuem também origem remota. Existe a existência de áreas teatrais em ruínas, como as dos *Palácios de Cnossos e de Festo*, os dois surgiram por volta do século XX a.C.. Os teatros gregos inicialmente eram construídos em pedra nos séculos V e IV a.C., o que demonstra a sua importância. O teatro nessa época tinha caráter religioso. Os três elementos básicos do teatro foram definidos pelos gregos: a plateia, para os espectadores; a cena, para os atores; e a orquestra, para o coro. A partir do século VI a.C., o coro passou a ocupar um lugar do espaço circular e, com isso, o teatro grego assumiu a forma semicircular.

Inicialmente, o teatro romano tinha as características do grego, mas foi sofrendo modificações conforme iam acontecendo mudanças nas representações. Os romanos tinham três tipos de teatro antes do Império: o teatro cômico, de pequenas dimensões e

---

<sup>12</sup> CARDOSO, Cintia de Paula & CASTELNOU, Antonio Manuel Nunes. Espaços arquitetônicos para cultura e folclore. Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/terra\\_cultura/n44/terra\\_44-13.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n44/terra_44-13.pdf). Acessado em: 10 mar.2014.

coberto por um telhado; o teatro trágico, com uma cena profunda precedida de ranhuras para o pano de boca; e o anfiteatro, com arquibancada de todos os lados, usada para combate de feras ou gladiadores, jogos e representações. Com o tempo, o coro foi retirado dos teatros, o que levou os espectadores a ficarem mais afastados do palco. A orquestra passou a ser um lugar reservado aos espectadores mais bem posicionados socialmente e o anfiteatro acabou sendo organizado por circulações radiais e anulares, segundo uma hierarquia, com a zona de bancos decrescendo de importância de baixo para cima. Ao lado da cena, passou a existir uma tribuna reservada ao magistrado que presidia a apresentação. As apresentações passaram a não se basear apenas em temas religiosos, tornando-se um importante instrumento de dominação sobre a população.

Os primeiros teatros permanentes começaram mesmo com o Teatro da Academia olímpica de Vincen idealizado por Andrea Palladio (1508-1580), em cerca de 1580, sendo o mais antigo teatro renascentista ainda existente. A partir de então, os espaços cênicos foi se desenvolvendo.

## Complexo Cultural

Depois da revolução industrial os sindicatos dos trabalhadores conquistaram direitos, dentre os quais o de ter um tempo livre para o lazer. O lazer passou a constituir uma das funções básicas da cidade, o que inclusive foi consagrado no urbanismo moderno através da famosa Carta de Atenas (1933). Assim, a sociedade passou a necessitar de novos espaços para o lazer. Foi a partir desse momento histórico que surgiu o termo centro cultural, que consiste em um local onde há vários espaços culturais. Todo esse processo de transformação resultou em um espaço único, mas complexo.

## Referencial de projeto

Os referenciais de projetos estudados foram selecionados pelo emblemático caráter de duas dessas arquiteturas, notadamente pelas escalas e proporções das propostas: Pompidou e Tjibaou.

O SESC, por sua vez também significou o necessário “*up-grade*” sócio – político e educativo, beneficiando forte segmento da população local, além de se representar a Capital Paulista nacionalmente por esta obra irradiada além das fronteiras regionais.

Deve ser dito que o Complexo Cultural de Planaltina nasce com pretensão análoga! Guardando as relações de escala e proporções.

## Centro Cultural Georges Pompidou



Figura 1- fonte: <http://www.cristinamello.com.br/?p=1977>

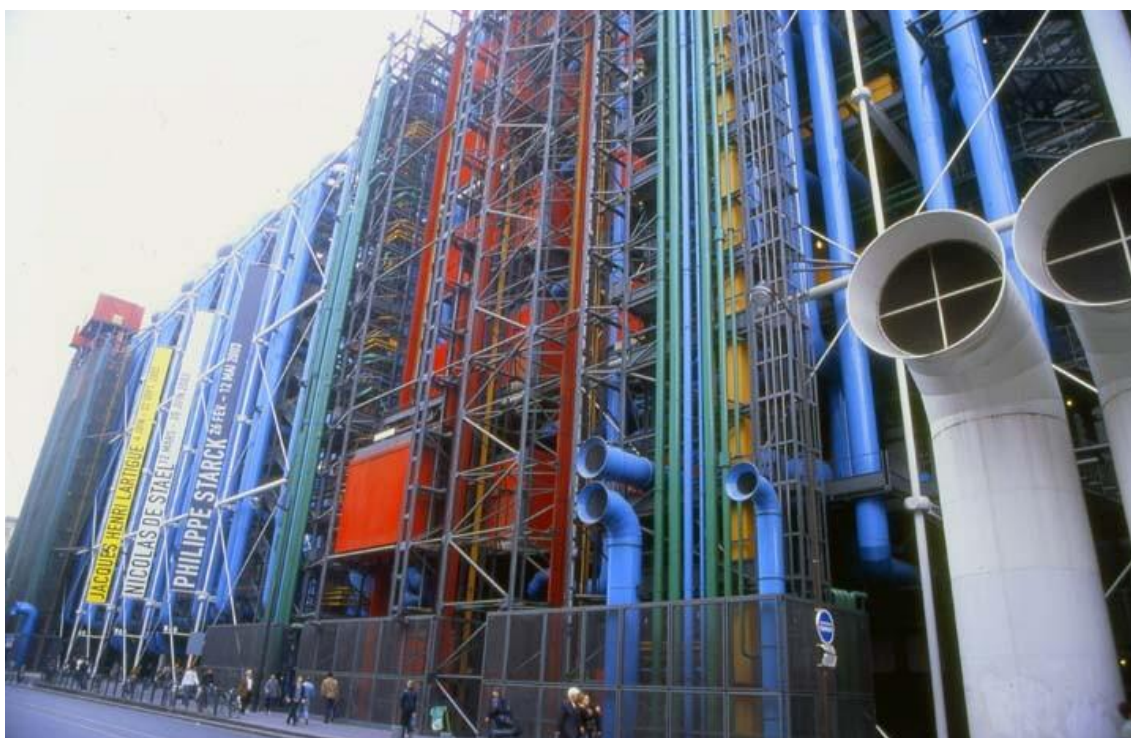


Figura 2- <http://www.cristinamello.com.br/?p=1977>





Figura 3- fonte: [http://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-mais-richard-rogers/41987\\_42048](http://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-mais-richard-rogers/41987_42048)

Esse centro Cultural localiza-se em Paris, França. O projeto é de autoria de Renzo Piano, construído em 1977.

“Não quisemos fazer arquitetura, mas uma máquina, um instrumento na escala da cidade”, disse Renzo Piano em 1977. Ao lado de Richard Rogers, o arquiteto italiano projetou o polêmico Centro Georges Pompidou, mais conhecido como Beauborg.

Na inauguração o edifício foi muito criticado, principalmente devido ao seu aspecto de refinaria, foi sem dúvida o espaço cultural mais ambicioso construído em Paris.

*“Era um modelo baseado nas possibilidades da alta tecnologia, estruturado com um sistema de conexões, tubos e cabos de aço. O conceito mais perceptível do projeto era externalizar toda a infraestrutura do edifício, tornando-a um componente do aspecto visual do edifício. Esse exoesqueleto estrutural e infraestrutural permite, por um lado, identificar claramente a função de cada elemento*

*do edifício, e, por outro, que o interior seja completamente livre e desobstruído.”*<sup>13</sup>

Além do conceito a volumetria do edifício se destoa muito dos edifícios históricos ao redor. O nome oficial do museu surgiu de uma homenagem ao ex-presidente e mentor do projeto, Georges Pompidou. Em 1969, o então presidente havia prometido a Paris um centro cultural até o final de seu mandato.

Em 1970, um concurso internacional foi lançado e 681 equipes de arquitetos do mundo inteiro participaram com seus projetos. Quando pompidou, grande admirador da arte moderna, viu o vencedor, teria afirmado a seus colaboradores: “Vai ser um escândalo.” E, de fato, foi. Georges Pompidou não inaugurou o Centro, pois morreu de câncer um pouco antes, mas o que deixou é de longe um dos endereços culturais mais importantes da França.<sup>14</sup>



Figura 4 - fonte: [http://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-mais-richard-rogers/41987\\_42039](http://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-renzo-piano-mais-richard-rogers/41987_42039)

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-41987/classicos-da-arquitetura-centro-georges-pompidou-slash-renzo-piano-plus-richard-rogers>  
Acessado em 20 mar. 2014.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://txt.estado.com.br/edição/especial/museus/mpompi.html>. Acessado em 20 mar. 2014.



## SESC Pompeia em São Paulo



Figura 5 - <http://teturaarqui.wordpress.com/2011/05/25/3315/>



Figura 6- <http://comoviaja.com.br/2013/11/08/criancas-brinquedos-exposicao-sesc/>

Esse centro Cultural localiza-se na Pompeia, São Paulo. O projeto é de autoria de Lina Bo Bardi e foi solicitado pelo SESC, construído em 1982.

É um espaço de múltiplo uso, um equipamento urbano que concentra atividades de esporte, lazer, e serviços.

É um ótimo exemplo de requalificação urbana e de reabilitação de edifício. Considerado por alguns, como marco histórico importante na cidade de São Paulo, tanto pelo seu uso anterior como atual.

*“Em 1982, uma bomba explodiu no ambiente arquitetônico brasileiro, mais especificamente em São Paulo. Essa bomba era o centro de Lazer Fábrica da Pompéia, hoje conhecido como Sesc Pompeia. Por que bomba? Porque era inequívoca nas gavetas das arquiteturas corrente.”<sup>15</sup>*

---

<sup>15</sup> Cidadela da liberdade: Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia/ Organização de André Vainer e Marcelo Ferraz. – São Paulo: Edições Sesc SP, 2013. Pag.: 121

Na época o seu aspecto bruto, materiais aparentes, escalas variadas, cores contrastantes chocaram as pessoas, mas ao mesmo tempo o projeto era sensível, tinham espaços fluidos e visuais privilegiadas.

O edifício antes da requalificação abrigou: uma fábrica de tambores (Irmãos Mauser), a sede da Ibesa-Gelomatic e posteriormente utilizado pelo Sesc, antes mesmo do início da reforma.

Lina, foi então convidada para fazer a requalificação do Sesc. Ela percebeu a forma com que o espaço da fábrica havia passado a servir para o lazer de famílias, crianças e jovens. E teve o cuidado de recuperar os vestígios da antiga fábrica e deixar evidente aos olhos dos frequentadores. O projeto tinha como premissa de manter aquela atmosfera leve, com estímulo à convivência e ao esporte recreativo.

Manteve por nove anos seu escritório dentro da obra, convivendo diariamente com técnicos, artistas e operários. Logo no início dos trabalhos, descobriu que a velha fábrica possuía sua estrutura em concreto armado, o que não era muito comum na época, moldada pelo francês François Hennebique. Tratava-se então de uma das obras pioneiras nesta técnica no início do século XX, e talvez única no Brasil até o momento.

Nos espaços do Sesc Pompéia, arquitetura é viva, o ambiente é convivência, e o equipamento urbano é adotado como cidade.<sup>16</sup>

Com duas preocupações, a de manter as construções históricas e a de manter a alegria do lugar, Lina reorganizou os espaços internos dos galpões de forma adquirindo novos usos. Eles abrigam restaurante, teatro, oficinas, biblioteca. Uma arquitetura inclusiva; todos se tornam cidadãos neste espaço.

Para abrigar o restante do programa (necessidades do Sesc no projeto) sem demolir os galpões seria necessária uma construção vertical. O aspecto rústico do concreto dialoga com o ambiente fabril, e as passarelas aéreas conectam as torres do complexo esportivo, separadas por uma área não edificável; o leito de um córrego que passa pelo terreno.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.lanferarquitetura.com/2011/04/sesc-pompeia-arq-lina-bo-bardi.html>. Acessado em 20 Abr. 2014.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://teoriacritica13ufu.wordpress.com/>. Acessado em 20 Abr. 2014.



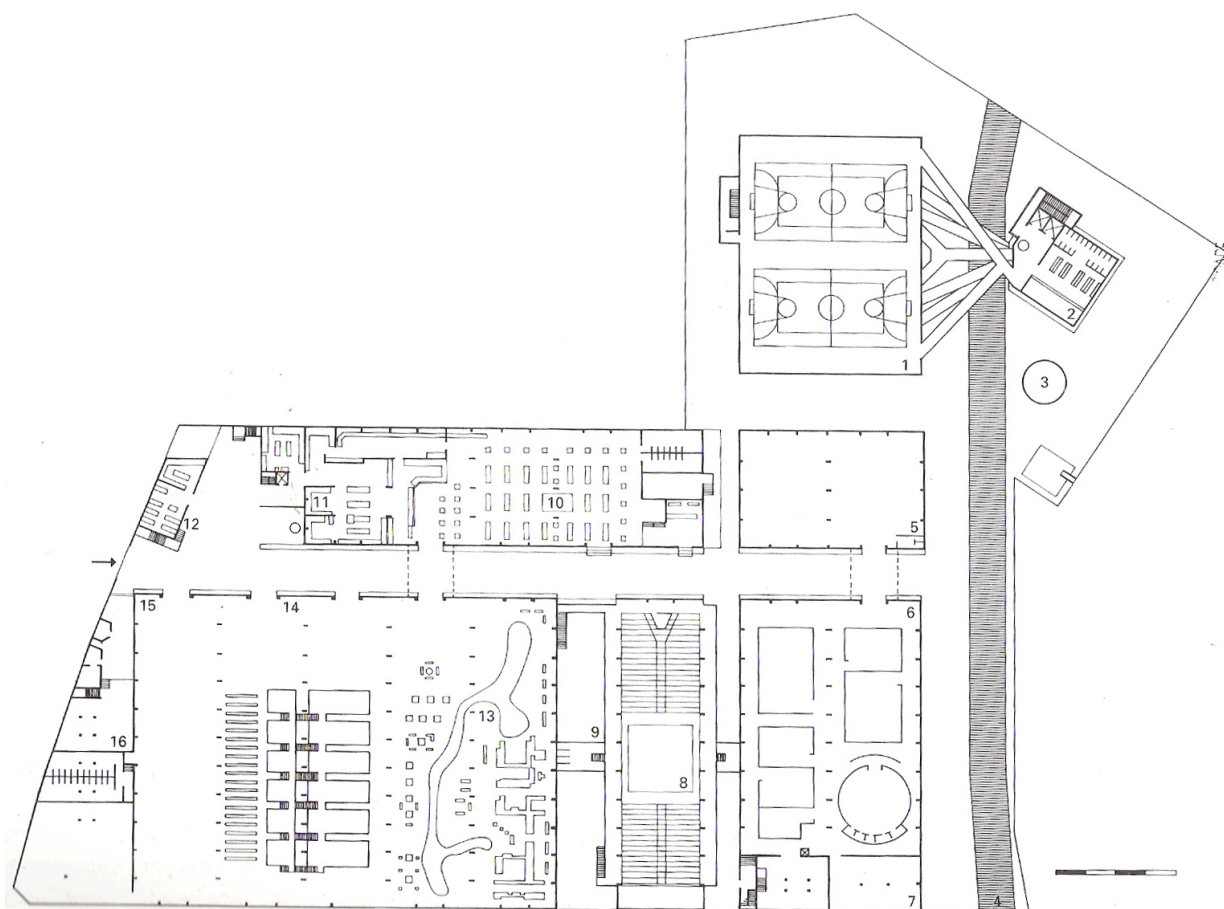
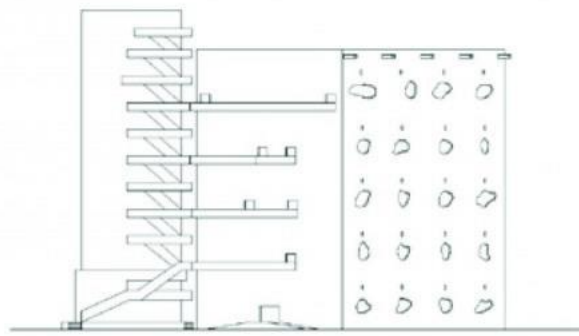
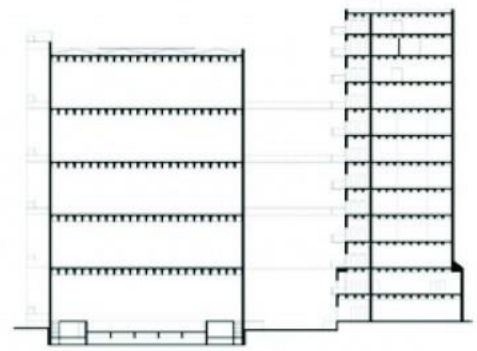


Figura 7- fonte: <http://teoriacritica13ufu.wordpress.com/2010/12/17/sesc-%E2%80%93-fabrica-da-pompeia-a-fabrica-de-poesia-2/>

- 1 - Bloco esportivo com piscina no térreo e 4 pavimentos de quadras
- 2 - Bloco esportivo com lanchonete, vestiários, salas de gímnásticas, luta e dança
- 3 - Torre da caixa de água
- 4 - Grande deck/solarium com espelho d' água e cachoeira
- 5 - Almoarifado e oficinas de manutenção
- 6 - Ateliês de cerâmica, pintura, marcenaria, tapeçaria, gravura e tipografia
- 7 - Laboratório fotográfico, estúdio musical, sala de dança e vestiários
- 8 - Teatro com 760 lugares
- 9 - Foyer coberto do teatro
- 10 - Restaurante self- service para 2000 refeições e choperia
- 11 - Cozinha industrial
- 12 - Vestiário e refeitório dos funcionários
- 13 - Espaço de convivência, jogos de salão, espetáculos e mostras expositivas; lareira e espelho d' água
- 14 - Biblioteca de lazer, lajes abertas de leitura e vidioteca
- 15 - Espaço de exposições
- 16 - Administração Geral



Elevación bloque deportivo



Corte A A', bloque deportivo

Figura 8- fonte - <http://teturaarqui.wordpress.com/2011/05/25/3315/>



Elevación Conjunto

Figura 9- fonte: <http://teturaarqui.wordpress.com/2011/05/25/3315/>

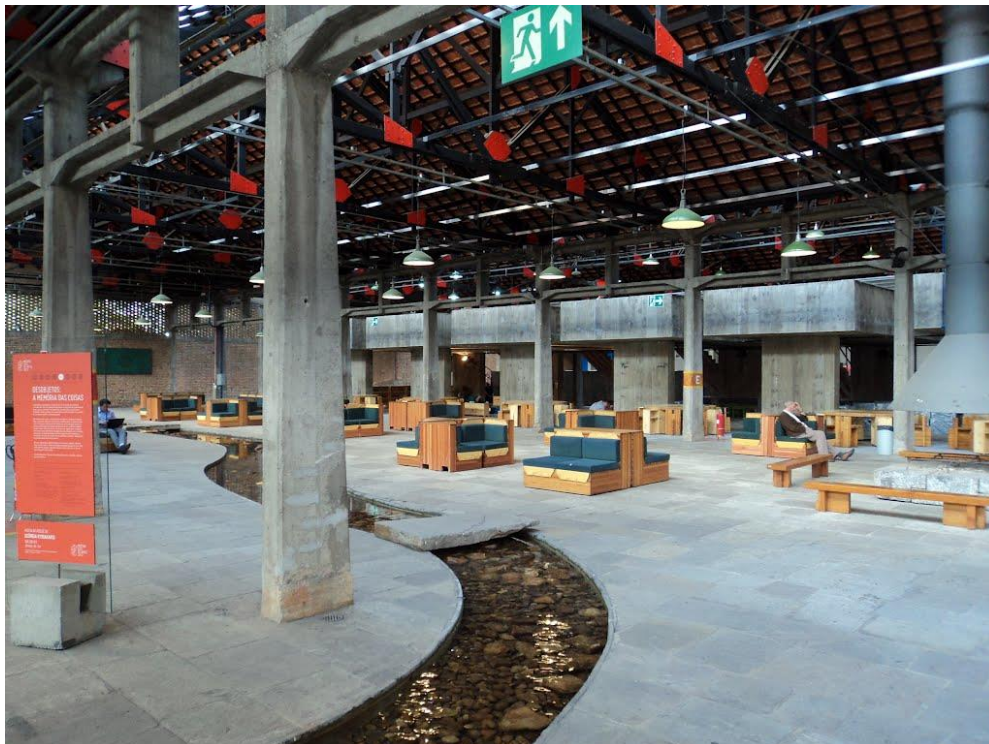


Figura 10 - fonte: <http://www.panoramio.com/photo/78138711>



## Centro Cultural Jean Marie Tjibaou



Figura 11 - fonte:

[http://ciclovivo.com.br/noticia/centro\\_cultural\\_em\\_ilha\\_do\\_pacifico\\_e\\_um\\_classico\\_da\\_arquitetura\\_sustentavel](http://ciclovivo.com.br/noticia/centro_cultural_em_ilha_do_pacifico_e_um_classico_da_arquitetura_sustentavel)

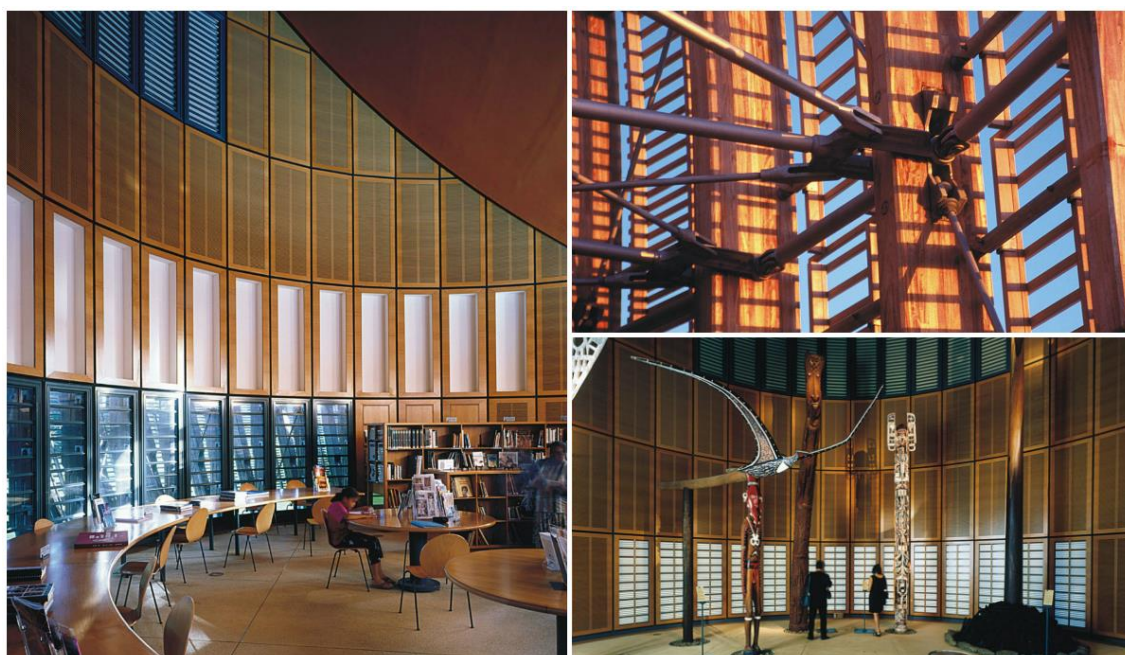


Figura 12 -

[http://ciclovivo.com.br/noticia/centro\\_cultural\\_em\\_ilha\\_do\\_pacifico\\_e\\_um\\_classico\\_da\\_arquitetura\\_sustentavel](http://ciclovivo.com.br/noticia/centro_cultural_em_ilha_do_pacifico_e_um_classico_da_arquitetura_sustentavel)

Esse centro Cultural localiza-se na Nouméa, Nova Caledônia. O projeto é de autoria do arquiteto Renzo Piano e foi solicitado pela Agência responsável pelo o Desenvolvimento da Cultura Kanak.

O que mais chama a atenção é compatibilização do programa de necessidades de um centro cultural com a ideia de construção de um símbolo da civilização *kanak* sem que houvesse uma "imitação folclórica, dos âmbitos do kitsch e do pitoresco".<sup>18</sup>

Durante a elaboração do projeto tiveram o cuidado de saber como a cultura *kanak* definiria a própria arquitetura a construir. Sem que implicasse tanto em procedimentos herméticos como aqueles de diálogo com as "preexistências" do lugar. Para isso, foi primordial "tentar entender como nasceu aquela cultura, porque tinha seguido determinadas tendências, que filosofia de vida a conformara".<sup>19</sup>

E com isso, as diretrizes projetuais, tinham como base as premissas que as construções da tradição *kanak* nascem da estreita relação com a natureza e são efêmeras como alguns de seus materiais. Sua continuidade no tempo não é baseada na duração do edifício isolado, mas na preservação de uma topologia e de um padrão construtivo. Outra aspecto da cultura local é a concepção da paisagem como elemento indissociável da arquitetura.

Localizado em uma pequena península a leste de Nouméa, em uma direção cercada pelo mar e em outra por uma lagoa coberta por densa vegetação, assemelhando-se aos assentamentos *kanak*, que querem, simultaneamente, ser bosque e povoado, o centro cultural foi proposto como um conjunto de edificações, vias e espaços abertos unidos por um núcleo central: a alameda do povoado tradicional.

A interação com os espaços e com as atividades nele proposto vão ocorrendo simultaneamente. O acesso não é feito de maneira frontal, como estamos acostumados, mas através de um caminho paralelo à costa e ao edifício que sobe, seguindo, ao promontório e acaba em uma praça elevada, à entrada do centro cultural.

Dentro do centro Cultural, as atividades são desenvolvidas como uma espécie de ritual, passando pelas exposições dos espaços naturais da ilha, da arte, da história e da religião

---

<sup>18</sup> PIANO, Renzo. Logbook. Londres, Thames and Hudson, 1997.

<sup>19</sup> PIANO, Renzo. Logbook. Londres, Thames and Hudson, 1997.

da civilização *kanak*. Com isso, o edifício foi organizado em conjuntos como se fossem três povoados que abrigam exposições, performances ao ar livre, anfiteatros, escritórios.

Os "povoados" são composto por 10 edifícios amplos e semicirculares, com finalidades diferenciadas, que se abrem a alameda, eixo principal, que conecta o Centro, proporcionando "uma passagem dramática de um espaço comprimido a outro expandido", pois, de acordo com Renzo Piano, "da cultura local roubamos os elementos dinâmicos e de tensão." <sup>20</sup>O percurso temático continua fora do edifício conectando a uma trilha que reconstrói a representação *kanak* da evolução humana e discorre sobre os momentos-chave dessa cultura: a criação, a agricultura, o habitat, a morte e o renascimento, partindo de suas metáforas extraídas de um mundo natural.

A volumetria, dá uma nova interpretação as choças *kanak*. É estruturada por uma forte carapaça dupla, composta de pilares e vigas de madeira, análogo ao sistema primitivo, porém menos curvadas e alongadas. Revestidas de uma pele de madeira de iroko, que faz alusão às fibras tramadas das construções locais: "As lâminas da face externa das edificações são de diferentes larguras e espaçamentos. O efeito ótico da débil vibração que produz fortalece sua afinidade com a vegetação agitada pelo vento" <sup>1</sup>.

A volumetria e o material utilizados têm a ver também aos condicionantes bioclimáticos, pois os volumes baixos são voltados para as brisas leves da lagoa e as telas voltadas para os ventos fortes do mar. Equilibrando o grande impacto que a estrutura sofre pela diferença de pressão ocasionado pelos ventos fortes e pelas brisas. Levando em consideração as extremas exigências do clima (com ciclones de até 240 km/h), os pavilhões "vela" giram sua parte posterior para o mar a fim de explorar com maestria os ventos dominantes ou induzir correntes de convecção, como é tradição local, equipando o centro como um eficaz sistema de ventilação.

Dos seus aspectos gerais até os mais específicos, a arquitetura de Renzo Piano não busca mimetizar-se com as tradições locais, mas nutrir-se de sua autenticidade para dar-lhe uma leitura universalizante.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> PIANO, Renzo. Logbook. Londres, Thames and Hudson, 1997.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.063/431>. Acessado em 20 Abr. 2014.



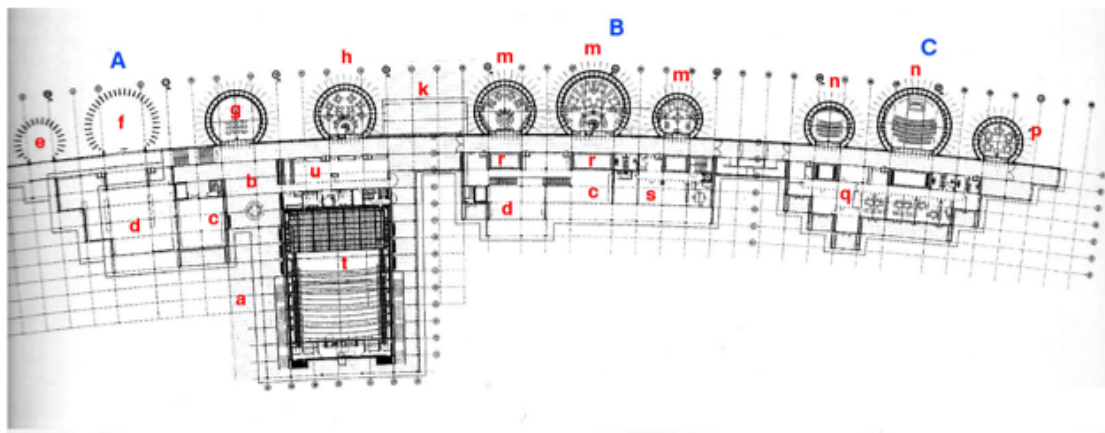


Figura 13- Planta de localização - fonte: [http://dc399.4shared.com/doc/GyBZqeN/\\_preview.html](http://dc399.4shared.com/doc/GyBZqeN/_preview.html)

## Programa

como responder as questões do lugar e as geradas pelo próprio edifício ?

"Incentivar formas contemporâneas de expressão da cultura Kanak, especialmente nas áreas de artesanato e artes visuais, promover o intercâmbio cultural, particularmente no Pacífico Sul e definir e conduzir programas de pesquisa." (Site: <http://www.adck.nc>)



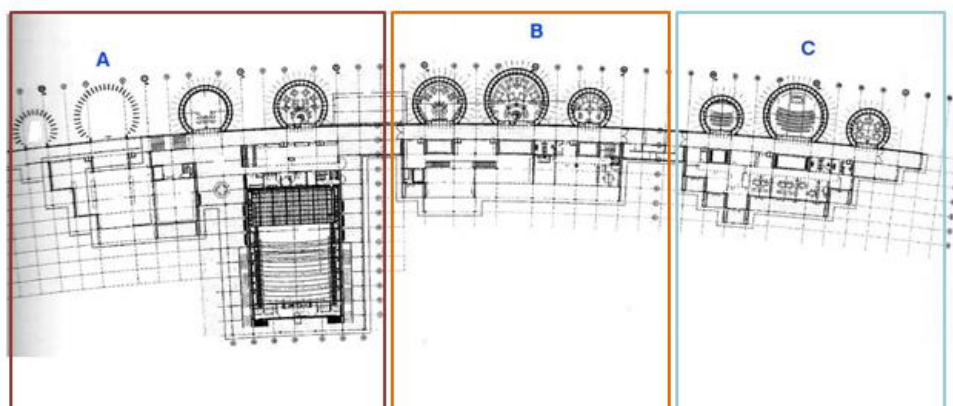
### LEGENDA:

- |            |                                      |                              |
|------------|--------------------------------------|------------------------------|
| A. vila 1; | a. caminho de chegada;               | k. terraço;                  |
| B. vila 2; | b. recepção;                         | m. biblioteca multimídia;    |
| C. vila 3; | c. galeria;                          | n. auditório para palestras; |
|            | d. volume superior da galeria;       | p. sala de aula;             |
|            | e. exibição de esculturas Kanak;     | q. administração;            |
|            | f. esculturas da região do Pacífico; | r. pátio;                    |
|            | g. audiovisual;                      | s. escritórios de curadores; |
|            | h. cafeteria;                        | t. auditório;                |
|            |                                      | u. loja de artesanatos.      |

Figura 14 - fonte: <http://dc250.4shared.com/doc/ApzY69By/preview.html>. Alterações do autor.

## Programa

como responder as questões do lugar e as geradas pelo próprio edifício ?



Exposição e recepção  
Fluxo maior

Pesquisa  
Fluxo intermediário

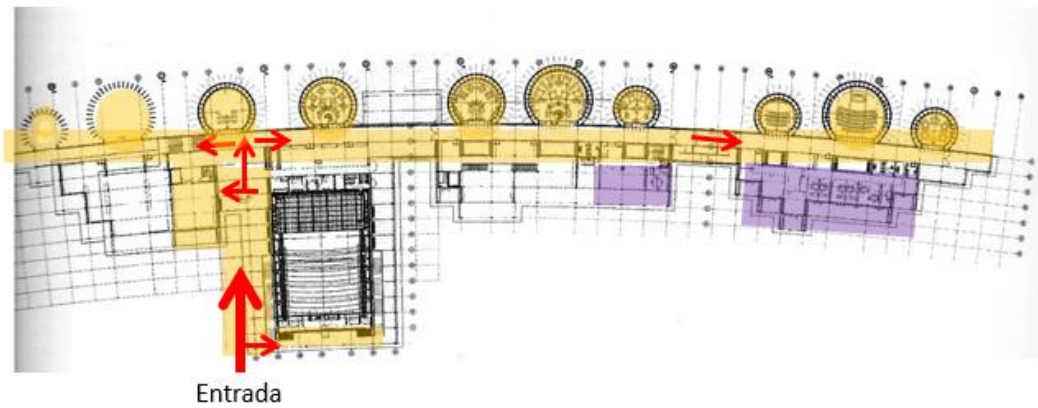
Ensino e Administração  
Fluxo menor

### LEGENDA:

- A. vila 1;  
B. vila 2;  
C. vila 3;

Figura 15 - fonte: <http://dc250.4shared.com/doc/ApzY69By/preview.html>. Alterações do autor.

Fluxo  
como os espaços se conectam?



- Circulação principal pública
- Circulação privada

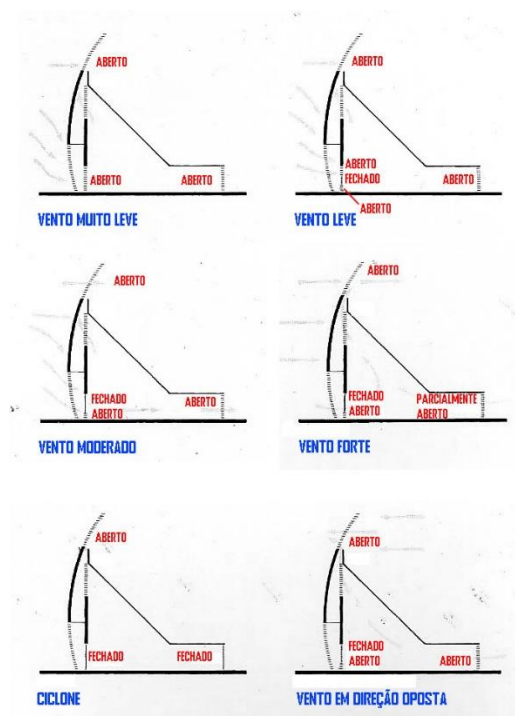


Figura 16- Diagrama mostrando como a ventilação é ajustada de de acordo com o vento fonte:  
[http://dc399.4shared.com/doc/GyBZqeN\\_/preview.html](http://dc399.4shared.com/doc/GyBZqeN_/preview.html)

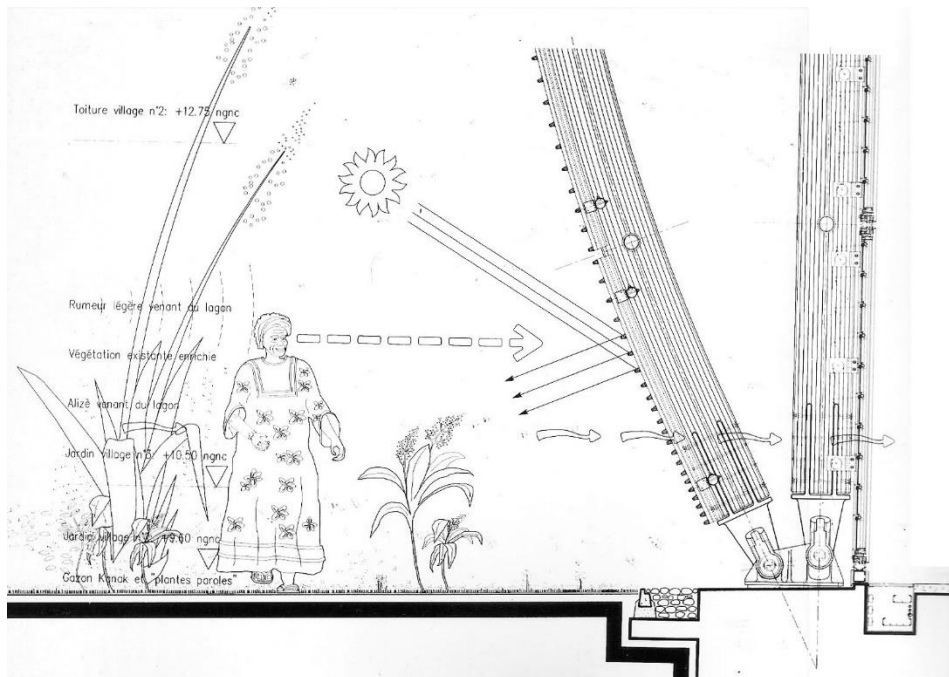


Figura 17- Corte mostrando o exterior e o interior do edifício, ventilação natural, visibilidade e proteção da insolação fonte: <http://dc399.4shared.com/doc/GyBZqeN /preview.html>

Em síntese, a escolha dos 3 projetos referenciais decorre de:

No caso do **:Pompidou**: sua escala em relação ao espaço urbano medieval, existente, e a flexibilidade horizontal e vertical do edifício.

No do: **Tjibaou**: a implantação, desfrutando da natureza paisagística e o simbolismo contido no caráter cultural dos “percursos étnicos”.

**SESC**: Pela relação com as velhas instalações restauradas e aproveitadas, mas em harmonia com a parte nova, arrebatadora, mais igualmente harmoniosa face a área restaurada. No caso, trata-se da condição do novo equipamento face a tradição e a escala de Planaltina.

## Localização

O Distrito Federal é formado por Regiões Administrativas. Essas regiões diferentemente dos municípios não possuem autonomia política. Planaltina é a 6ª região. Tendo limites com as RA's do Distrito Federal de Sobradinho, Sobradinho II e Paranoá, e divisas com os municípios goianos de Planaltina ( Brasília) e Formosa.

O local de implantação do projeto será em Planaltina-DF, no Setor Administrativo lote 2.

## Breve História de Planaltina

A data que consta como oficial da fundação de Planaltina é 19 de agosto de 1859, mas existe relatos de alguns historiadores que a cidade possua mais de 200 anos. Sua área é de 1.534,69 km e sua população atual é de 230.000 habitantes.

Foi na segunda metade do século XVIII que se iniciou a exploração das minas de ouro, esmeralda e o povoamento do interior de Goiás pelos bandeirantes. Com essa exploração foram criadas várias rotas e algumas eram passagens da estrada real, utilizadas para o escoamento de ouro e arrecadação de dízimos territoriais à coroa.

Planaltina estava inserida em uma dessas rotas, a chamada Estrada da Bahia, cujo trecho entre Couros (atual Formosa) e Santo Antônio de Montes Claros (atual Santo Antônio do Descoberto) passava no que é hoje o Distrito Federal, fazia o percurso entre a cidade de Goiás e a costa nordestina. Nesta região, era margeada por sesmarias pecuaristas e açucareiras, e tinha como principal pouso a Contagem de São João das Três Barras.<sup>22</sup>

Com o término do ciclo do ouro e como consequência o desaparecimento da contagem, segue-se o desenvolvimento de um núcleo de povoamento no vale do ribeirão Mestre d'Armas. Segundo alguns relatos, Planaltina origina-se de uma freguesia concebida em caráter expiatório a São Sebastião em 20 de janeiro de 1811. O assentamento é declarado distrito de Couros em 1859 e emancipado como Vila de Mestre d'Armas em 1891. E é em 1917 que assume o nome atual de Planaltina. A vila é citada no Relatório Cruls como um dos pousos da missão. Por ser o núcleo urbano mais próximo ao centro do quadrilátero Cruls, foi o último pouso da expedição que assentou, no dia do centenário da Independência, a Pedra Fundamental da Nova Capital do Brasil a poucos quilômetros da vila. Quando da efetiva fundação de Brasília, Planaltina foi o único município a ter a sua sede incorporada ao novo Distrito Federal. Além da vila perder sua autonomia administrativa, foi submetida às intensas pressões demográficas e fundiárias que acometeram o Distrito Federal e os municípios vizinhos, em particular Formosa e Luziânia. Planaltina passou de estimados 3.200 habitantes em 1958 a mais de 230 mil

---

<sup>22</sup> LATERZA, Ana & PALAZZO, Pedro Paulo. Inventário do Setor Tradicional de Planaltina, DF. Brasília, 2013, p. 10.

atualmente – contando apenas a população da Região Administrativa no Distrito Federal.

23

Com o início da construção de Brasília, inúmeros imigrantes ocuparam diferentes áreas do Distrito Federal. Em Planaltina, esse contingente populacional estabeleceu suas moradias próximo ao Núcleo Inicial da cidade, em terras administradas pela Congregação de São Vicente de Paula, na localidade hoje denominada Vila Vicentina.<sup>24</sup>

Depois da inauguração de Brasília, em 1966, durante a administração do arquiteto Professor Paulo Magalhães ICA - FAU- UnB, foi elaborado um Plano Diretor com objetivo de criar novos espaços institucionais e, ao mesmo tempo, preservar os espaços antigos e as tradições culturais da cidade. A premissa desse plano foi a autonomia da expansão, batizada de Setor Residencial Leste e conhecida hoje como Vila Buritis. Entre o Setor tradicional (núcleo inicial) e o Setor Leste foi planejado uma larga faixa pouco permeável de lotes institucionais, o Setor de Integração, que acabou por dificultar o acesso do antigo para o novo bairro.<sup>25</sup> É no Setor de Integração onde se localiza o Hospital, a Rodoviária, o Estádio Adonir Guimarães, o Fórum e a Administração Regional. A Vila Burtis (Setor Residencial Leste) surge em 1971 para abrigar moradores da antiga Vila Tenório, no Núcleo Bandeirante. Em 1969 surge o Vale do Amanhecer, fundado pela médium Neiva Chaves Zelaya, a tia Neiva.

Entretanto, com a eleição direta para governador do Distrito Federal, o governador eleito Joaquim Roriz (1989-1994) implantou uma política de atração populacional, promovendo o crescimento desorganizado, expandindo os espaços já existentes e criando novos bairros e cidades. A cidade de Planaltina viu o crescimento acelerado de sua população, com a criação de bairros como as expansões da Vila Buritis (Setor Leste), o Jardim Roriz e a Vila N.Sra. de Fátima.<sup>26</sup> Ocorre paralelamente também o aumento das ocupações irregulares, surgindo os bairros do Arapoangas e Mestre d'Armas (Estâncias I a V, Estância Planaltina).

---

<sup>23</sup> LATERZA, Ana & PALAZZO, Pedro Paulo. Inventário do Setor Tradicional de Planaltina, DF. Brasília, 2013, p. 10.

<sup>24</sup> DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL. Ruas de Planaltina. Projeto ruas da cidade Inventário do Patrimônio Cultural de Planaltina. Brasília, 1998.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=939264>. Acessado em 23 abril.2014.

<sup>26</sup> DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL. Ruas de Planaltina. Projeto ruas da cidade Inventário do Patrimônio Cultural de Planaltina. Brasília, 1998.

No ano de 1999, através do Decreto 20.715/99 é destinado o lote para a implantação da UnB, localizado entre o SRO - Setor Residencial Oeste (Vila Nossa Senhora de Fátima) e a BR-020.

Planaltina é constituída por áreas de reserva ambiental e Parques. Atualmente possui a Estação Ecológica Águas emendadas, Parque Ecológico dos Pequizeiros, parque recreativo de sucupira, que está passando por reformas e o Parque de Exposição.

Esse processo de conformação da cidade no tempo é claramente expresso pela sua malha urbana hoje, que está organizada, nos seguintes setores:

- Setor Tradicional – subdividido em SRTC (Setor Residencial Tradicional Central), SRTN (Setor Residencial Tradicional Norte) e SRTS (Setor Residencial Tradicional Sul);
- SRL (Setor Residencial Leste) que engloba a Vila Buritis I, II, III IV;
- SRN (Setor Residencial Norte, mais conhecido como Jardim Roriz;
- SRO (Setor Residencial Oeste ou Vila Nossa Senhora de Fátima);
- Vila Vicentina;
- Estâncias (EMD I, II, III, IV, V e Condomínios);
- Arapoanga;
- Vale do Amanhecer;
- Área Central, que abrange os setores Educacional, Hospitalar, Recreativo, Administrativo, Áreas Especiais Norte, de Oficinas, entre outros;
- Áreas Rurais que compõem a maior parte da área de Planaltina, como Rio Preto (70 Km do Plano), Taquara (60Km do Plano, acesso BR020 e DF230), Tabatinga (35 a 65Km do Plano Piloto), e Pípiripau (Acesso pela BR020/DF). Dentro de Planaltina existem duas Sub-administrações: Arapoanga e Vale do Amanhecer. Estes bairros compostos basicamente por condomínios irregulares ficaram tão populosos que se tornaram sub-administrações regionais.<sup>27</sup>

E os espaços culturais em Planaltina são:

---

<sup>27</sup> BERTRAN, P. História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-História do Distrito Federal do Indígena ao Colonizador. Brasília: EdUnB, 2011 (1994), p. 47–53



- O Museu Histórico e Artístico, inaugurado em 1977, composto por um casarão tombado juntamente com o seu mobiliário;
- A Biblioteca Setorial Monteiro Lobato em Planaltina que possui uma infraestrutura precária. Recentemente passou por uma reforma;
- O Auditório da administração onde aconteciam as peças teatrais de Planaltina. E que está passando por reformas;
- Os eventos de shows acontecem em praças ou estacionamentos;
- As Feiras artesanais (feira-da-Lua) que aconteciam na praça da antiga igreja São Sebastião. A igreja é tombada como patrimônio histórico;
- O Parque de Exposições Agropecuária;
- O Morro da Capelinha onde acontece, no sábado de aleluia, a mais famosa Via Sacra encenada no DF já tem mais de 40 anos;

Além do Museu e da Igreja São Sebastião há outras edificações históricas na região do Setor Tradicional que não foram tombados. A Pedra Fundamental é tombada e está localizada no Morro do Centenário a 9km do centro de Planaltina. Ela foi construída para comemorar o centenário da independência, no governo do presidente Epitácio Pessoa.

Planaltina preserva o costume português de caminhar pelas ruas da cidade ao som de músicas religiosas. Pentecostes da Igreja Católica, festa que simboliza a vinda do Espírito Santo aos Apóstolos depois da morte de Jesus. Em 2014, a festa comemorou 132 anos.

## Terreno

Mesmo que constando em documentos o local do projeto. A escolha do terreno se deu principalmente por três fatores: a proximidade do Centro Histórico e Artístico de Planaltina, a vocação de lugar já abrigar eventos culturais temporários e o terreno ser de fácil acesso, independente do meio de transporte.

Obs.: A Evolução do partido poderá incluir, como estudo de caso o Complexo Cultural Oscar Niemeyer, no Havre, França; e isto, considerando a forma e o aproveitamento do terreno escolhido, aconselhando o movimento de terra para a criação de novos espaços. O outro terreno, descrito a seguir, trata-se de alternativa considerando o primeiro lugar enfocado, perto da UnB em Planaltina; de escala maior é diferente da solução urbana, que oferece mais vantagens, como referidas adiante; todavia a definição dessa escolha continua em reflexão, apesar deste presente encaminhamento objetivando a localização no centro da cidade.

## Condicionantes Bioclimáticas

As fachadas norte, sul e leste são livres tanto de edificação quanto de vegetação. As vegetações e edificações próximos dessas fachadas não interferem no sombreamento nas horas mais quentes do dia. Na fachada oeste que é uma fachada que recebe bastante incidência solar, temos um edifício de 3 andares que faz sombra no terreno.

Os ventos predominantes que vem do leste passam por uma massa de vegetação antes de chegar ao terreno.

A topografia desce 3 metros no sentido leste- oeste.

## Condicionantes Urbanísticas

O terreno que será implantado o complexo cultural, fica no centro da Cidade entre a praça da Administração Regional e a Promotoria da Justiça de Planaltina. No fundo do terreno temos o Estádio Adonir Guimarães, clube funções múltiplas e um grande estacionamento. O clube de funções múltiplas encontra-se desativado. No estacionamento, toda quarta durante a manhã há aplicação de prova prática para habilitação de motorista. Na época da via sacra (entre o domingo de Ramos e o domingo de Páscoa) o estacionamento serve

para algumas encenações e shows, como teatro ao ar livre. E quando a administração precisa de atender uma grande parcela da população o atendimento é montado no estacionamento.

A via W1-2 passa em frente ao terreno e conecta-se perpendicularmente a avenida independência, essa avenida dá acesso a BR – 020. Essa BR une Planaltina à Brasília.

Em frente ao Terreno temos uma grande faixa de comércio, e nessa faixa não há restaurantes ou lanchonete voltados para a via WL-2.

A rodoviária, correio e bancos encontram-se próximo ao terreno. Todos os edifícios vão até o 3º pavimento.

## Normas construtivas

As normas utilizadas são:

- MDE 105/86 - Memorial descritivo da criação do lote -2 destinado ao Complexo Cultural.
- NGB 105/86 - Uso, gabarito e normas de edificação.

De forma resumida:

**Afastamentos** - Não são obrigatórios

**Número de Pavimentos** - 02 pavimentos com subsolo opatativo

**Subsolo** - pode ser ocupado 100% respeitando as normas de ventilação e iluminação

**Cobertura** - pode ser ocupado 40%

**Taxa máxima de ocupação** - 70%

**Taxa máxima de ocupação** - 2,4

**Cota de coroamento** - 11,00 m

**Castelo d' água**- altura determinada pelo projeto hidráulico.

**Estacionamento** - para cada 200,00m<sup>2</sup> deve ter uma vaga (25,00m<sup>2</sup>)

**Taxa mínima de área verde** - 10%

Obs.: Rampas de acesso e marquises de proteção poderão acontecer fora dos limites da projeção desde que estejam dentro do lote.

## Programa de necessidades

<b>Administração</b>	
Recepção	15, 00 m <sup>2</sup>
Direção Geral	50, 00m <sup>2</sup>
Direção + Secretaria de cada espaço	5 x 67,40 m <sup>2</sup>
Produção de Eventos	60, 00 m <sup>2</sup>
Espaço destinado ao produtor executivo de eventos	60,00 m <sup>2</sup>
Sanitários e vestiários	20, 00 m <sup>2</sup>
Serviços	30, 00 m <sup>2</sup>
Almoxarifado	12, 00 m <sup>2</sup>
Reuniões	60, 00 m <sup>2</sup>
Arquivo Geral	30, 00 m <sup>2</sup>
Total	807, 51 m <sup>2</sup>

<b>Teatro</b>	
Palco	Largura da boca de cena: 16 m / Altura da boca de cena: 8 m Altura da caixa cênica: 24 m 512, 00 m <sup>2</sup> (32 x 16 m, incluindo Quartelada, coxias, etc.)
Plateia Espaço destinado ao público	Capacidade 500 lugares Distância máxima do palco ao último assento: 35 m. Pé-direito aprox. 8 m. 800, 00 m <sup>2</sup>
Antessala de Camarins Espaço de descanso, espera	20, 00 m <sup>2</sup>
Camarins individuais (mínimo 4)	16, 00 m <sup>2</sup>
Camarins coletivos	120, 00 m <sup>2</sup>
Sanitários Bacias, lavatórios e duchas, dentro dos camarins	20, 00 m <sup>2</sup>
Sala de ensaio	Espaço com altura mínima de 4 m. Dimensões igual ao palco. 10 salas x 256, 00 m <sup>2</sup> (16 x 16 m)
Foyer	200, 00m <sup>2</sup>

Cabine de tradução Simultânea	15, 00m <sup>2</sup>
Sanitário para o público	60, 00 m <sup>2</sup>
Total	4507, 38 m <sup>2</sup>

<b>Biblioteca</b>	
Acervo	2 000,00 m <sup>2</sup>
Pátio de leitura e estudo	3 000,00 m <sup>2</sup>
Espaço para internet	33,12 m <sup>2</sup>
Biblioteca infantil	1 000, 00 m <sup>2</sup>
Sanitários	20, 00 m <sup>2</sup>
Sala para estudo individual	500, 00 m <sup>2</sup>
Sala para estudo em grupo	500, 00 m <sup>2</sup>
Recepção	20, 00 m <sup>2</sup>
Total	6373,12 m <sup>2</sup>

<b>Música</b>	
Sala de canto coral	500 m <sup>2</sup>
Sala de instrumentos	203 , 73 m <sup>2</sup>
Rádio	203, 73m <sup>2</sup>
Salão de ensaio e pequenas apresentações	500, 00 m <sup>2</sup>
Sanitários	20, 00 m <sup>2</sup>
Estúdio para gravação	60, 00 m <sup>2</sup>
Recepção	15, 00 m <sup>2</sup>
Total	1502,46 m <sup>2</sup>

<b>Dança</b>	
Salas	200,00 m²
Sanitários e vestiários	54,17 m²
Recepção	15, 00 m²
Total	269,17 m²

<b>Museu</b>	
Acervo Permanente	800, 00 m²
Acervo temporário	1 500, 00 m²
Recepção	20, 00 m²
Depósito de acervo	200, 00 m²
Sala de aula	77,54 m²
Total	2597, 54 m²

Área construída contando o subsolo: 16 057, 18 m²

Área máxima de construção permitida sem contar o subsolo: 14 275, 80 m²

Estacionamento: ocupará 70% do Subsolo 2.

Foi com base no texto abaixo e em todo estudo levantado nesse Plano de trabalho que o programa de necessidades foi elaborado.

Não existe uma regra para as funções que um espaço cultural abriga, mas como estamos falando de cultura, faz-se necessários estudos, mesmo que as vezes mais aprofundados, como o arquiteto Renzo Piano fez ao projetar o centro Cultural Tijibaou em Nouméa, Nova Caledônia.

*“Considerado como um verdadeiro símbolo por Renzo Piano, foi resultado de debates dos arquitetos envolvidos com antropólogos, entre eles Alban Bensa, especialista da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, especialista na cultura kanak e dedicado ao estudo dos fundamentos epistemológicos do que designa como uma ‘antropologia de ação’.*

*Esse edifício é visto como ponto culminante de um movimento de décadas de valorização patrimonial indígena da Melanésia e como gesto significativo do governo francês para com uma cultura que muito sofreu com a colonização da Nova Caledônia.”*<sup>28</sup>

Sendo assim, cada lugar possui necessidades diferentes, e são elas que fazem com que um espaço cultural esteja vivo e coerente com a realidade e com as transformações da comunidade.

O Complexo cultural de Planaltina se serviria de 5 frentes, sendo elas: música, dança, teatro, biblioteca e museu. E cada frente terá particularidades que serão, cuidadosamente, analisadas.

Planaltina possui um Museu, entretanto, não há espaço suficiente para abrigar exposições temporárias. Quando o Museu passa por algum restauro não tem lugar adequado para guardar os bens patrimoniais lá exposto. Toda a produção artística da cidade era apresentada na Feira da Lua todo segundo sábado do mês, mas devido à má gestão o evento não está sendo realizado.

A Biblioteca de Planaltina passou recentemente por reforma. Ela é muito pequena e não tem um conforto térmico necessário não só aos usuários, mas ao acervo (fotos da época da fundação da cidade, livros sobre a história da cidade e publicações feitas pelos próprios moradores). Depois da implantação do Campus da UnB, aumentou a necessidade de ter uma biblioteca maior que sirva tanto para guardar o acervo histórico quanto de espaço para estudo. Planaltina a uma necessidade de Bibliotecas ainda mais devido a implantação do Campus da UnB. E mesmo sendo pequena acontecem sarais literários.

Na dança temos a “Catira, dança do folclore brasileiro, em que o ritmo musical se faz pela batida dos pés e mãos é bastante tradicional na cidade, fato que levou a festa da Folia de

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://www.revista.brasil-europa.eu/136/Tjibaou-Vegetais-e-Cultura.html>. Acessado em 2 de Abril de 2014.



Reis a ser realizada em 2011 na cidade. ”<sup>29</sup> E o espaço de eventos “casa dos idosos”, conhecido como “forró dos véi”, que fica em frente ao Museu de Planaltina, área histórica da cidade. Os bailes realizados causam impactos negativos nas construções históricas, além de aumentar o fluxo de automóveis nessa área tão “frágil”.

A Via Sacra é um grupo teatral temporário, sem fins lucrativos onde fieis vão encenar a paixão de Cristo. Em Planaltina temos alguns grupos teatrais fixos, entretanto, vem perdendo força por não ter um espaço para suas apresentações.

Há necessidade de um espaço para cursos de consciência patrimonial e restauro.

Conversando com o Administrador de Planaltina, Nilvan Vasconsellos, ele exprimiu a vontade de reformar o espaço Funções Múltiplas que está desativado. Ele falou que o espaço na cidade servia para pequenos shows com banda de rock, sertanejo, bailes de Gala, aniversário de 15 anos, desfiles de moda, dentre outros. Os problemas desse espaço são: o pé-direito baixo que causa grande desconforto, as instalações antigas e fachada cega da entrada, pouco convidativa.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <http://defender.org.br/noticias/nacional/planaltina-df-cultura-que-tem-historia/>. Acessado em 30 mar. 2014.

## Diretrizes

Tendo como base o Referencial de Projeto de utilizar: flexibilidade horizontal, vertical do edifício e escala em relação ao espaço urbano (**Pompidou**); A implantação, desfrutando e o simbolismo contido no caráter cultural dos percursos (Tjibaou); condição do novo equipamento face a tradição e a escala de Planaltina. ( SESC).

Temos alguns aspectos que também serão incorporados no projeto:

- fazer do projeto uma praça-equipamento;
- uma praça rebaixada, que também pode ser usada como um local para apresentações descompromissadas, a fim de capturar o olhar das pessoas que por ali transitam;
- permeabilidade e fluidez;
- Criar um clima de interiorização.<sup>30</sup>
- uso de materiais de grande resistência e durabilidade e de fácil conservação;
- possibilidade de grande atendimento nos fins-de-semana;
- soluções de melhor aproveitamento do espaço, de forma a torná-lo modulável, quando possível, com materiais e tecnologia existentes;
- acesso de pessoas portadoras de deficiência física e de idosos às instalações, inclusive aos vestiários e sanitários;
- Obedecer a critérios de acessibilidade entre as diversas instalações;
- Integrar com objetividade e com critérios funcionais os projetos complementares, entre os quais devem ser previstos os projetos de ambientação e de comunicação visual;

A concepção arquitetônica do projeto deve prever a segurança e o bem estar das pessoas sem comprometer os critérios de acessibilidade ao equipamento como um todo e às instalações. Conforto, proteção e prevenção sem barreiras agressivas ou inibidoras para os frequentadores;

---

<sup>30</sup> Disponível em: [http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg\\_online/tr/082/a066.html](http://www.fau.usp.br/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/082/a066.html). Acessado em Maio de 2014.

- acesso de serviços e saída para lixo;
- soluções arquitetônicas devem se harmonizar igualmente com as condições naturais da região;
- Utilizar com eficiência a iluminação e a ventilação naturais;
- Atenção especial quanto aos processos de impermeabilização, climatização e aquecimento de água;
- Estacionamento subterrâneo, de acordo com a legislação.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Disponível: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAU5EAF/programa-necessidades>. Acessado em Maio de 2014.

Partido

# Cronograma

## **ETAPA 1**

07 a 14/Abril- Pesquisar Referencial teórico, Referencial de projeto, Objetivo e Justificativa

14 a 21/Abril - Finalizar imagens (tema e localização), Terreno, Condicionantes Bioclimáticas e Urbanísticas.

21 a 27/Abril - Normas construtivas, Organofluxograma, Organograma, Bibliografia e Referencial

28/Abril - ENTREGA DO PLANO DE TRABALHO

## **ETAPA 2**

28 a 05 /Maio - Desenvolver Partido e Conceitos do Projeto, Montar Apresentação

07/Maio – BANCA INTERMEDIARIA

Apresentação do Plano de Trabalho e Partido

## **ETAPA 3**

07 a 16/Maio - Revisão do Plano de Trabalho

16/Maio- ENTREGA DO PLANO DE TRABALHO REVISADO

## **ETAPA 4**

19 a 25/Maio - Fechar partido, Desenvolver croquis, Fazer visitas aos edifícios importantes para o projeto.

26 a 01/Junho - Estudos de implantação e de soluções internas do projeto, plantas e cortes esquemáticos.

2 a 08/Junho - Sistema construtivo, sistema estrutural, insolação, ventilação, tipos vegetais, índices urbanísticos, cheios e vazios

9 a 15/Junho - Maquete eletrônica e volumétrica

16 a 22/Junho - Pranchas e da Apresentação

24 a 02/Julho - BANCAS FINAIS

Estudo Preliminar e Maquete volumétrica

## Bibliografia

BERTRAN, P. **História da Terra e do Homem no Planalto Central: Eco-História do Distrito Federal do Índigena ao Colonizador**. Brasília: EdUnB, 2011 (1994).

\_\_\_\_\_. *Decreto nº 13 015 de 14 de Dezembro de 1989. Região Administrativa de Brasília – RA IV Setor Residencial Leste Quadra 10 (conj. O, P, Q), Quadras 11 à 17.*

\_\_\_\_\_. *Decreto nº 13 600 de 25 de Março de 1993. Região Administrativa de Brasília – RA IV Setor Residencial Norte A.*

\_\_\_\_\_. *Decreto nº 20 715 de 20 de Outubro de 1999. Região Administrativa de Brasília – RA IV Área Universitária.*

\_\_\_\_\_. *Decreto nº 30 275 de 14 de Abril de 2009. Região Administrativa de Brasília – RA IV Setor Oeste – Vila Nossa Senhora de Fátima.*

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO DISTRITO FEDERAL. **Ruas de Planaltina. Projeto ruas da cidade Inventário do Patrimônio Cultural de Planaltina**. Brasília, 1998.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81gora>. Acessado em 10 de abr. 2014.

Disponível em: <http://www.museus.art.br/historia.htm> Acessado em 10 de abr. 2014.

Disponível em: [http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/terra\\_cultura/n44/terra\\_44-13.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/terra_cultura/n44/terra_44-13.pdf)  
Acessado em 10 de abr. 2014.

GRANDE ENCICLOPEDIA LAROUSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultura, 1998.

LATERZA, Ana & PALAZZO, Pedro Paulo. **Inventário do Setor Tradicional de Planaltina, DF**. Brasília, 2013.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1983.

SEGAWA, H. **Espaços para o lazer: o direito ao ócio**. In: Revista Projeto. São Paulo: n. 42, jan. 1992.

SILVA, Maria Celina Soares. Centro Cultural – construção e reconstrução de conceitos. 1995. Dissertação de mestrado em Memória Social e Documento – Centro de Ciências Humanas – UNI-RIO.